

DIÁRIO DE CAMPO

- dos primeiros contatos à vivência sensitiva

*A dádiva de meus
Novos Horizontes
advindos de um
Varjão.*

varjão, s. m. O mesmo que *vargedo*, acepção 2.
vargedo (ê), s. m. (...) 2. Várzea grande, extensa, ampla.

várzea, s. f. 1. Campina cultivada. 2. Planície de grande fertilidade. 3. Terrenos baixos e planos, sem serem alagadiços, que margeiam os rios e ribeirões; varge, várgea, vargem, varja.

(SILVA, Adalberto Prado e. **Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado**. São Paulo: Ed Melhoramentos, 1963. Vol. IV)

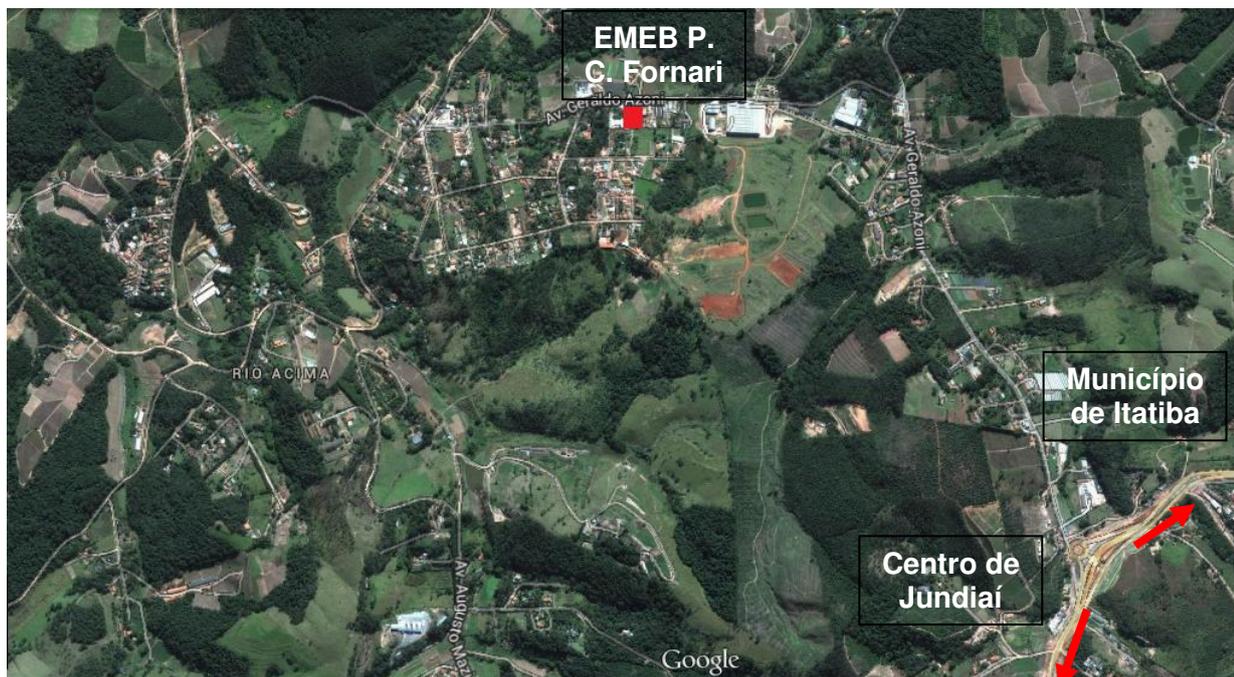
Este não é um simples Diário de Campo, pois não é em qualquer campo, e sim num varjão. Então seria melhor chamá-lo de Diário de Varjão? Melhor não abusar da licença poética, que não deve ser dada a uma simples iniciante. Vamos com cautela, desbravar diversos e diversificados horizontes, para ao fim ou recomeço poder, se necessário, o renomear.

Desde o ingresso à universidade (2006), sempre fui convicta a seguir os caminhos do bacharel. Considerando a licenciatura apenas como uma segurança/oportunidade de trabalho a mais.

Mas os meus caminhos perpassaram significativamente pela área que, de certa forma, inicialmente fora desdenhada. Foi o primeiro (e único até o momento...rs) diploma a ser conquistado (2011). E desde então, sendo meu ofício.

Em fevereiro de 2013, iniciei o vínculo com a Prefeitura Municipal de Jundiaí, como professora do Ensino Fundamental II, inicialmente ministrando aula para os 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino regular, na Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) Profº Pedro Clarismundo Fornari (FIGURAS 1 e 2), uma das 2 únicas escolas municipais que oferecem vagas a essa modalidade (EF II), pois esta é de responsabilidade do governo estadual.

Figura 1. Localização EMEB Profº Pedro Clarismundo Fornari em parte da área que abrange sua clientela.



(Fonte: www.google.com.br/maps, 2014; Adaptação de Natália P. de Oliveira)

Figura 2. Faixada EMEB Profº Pedro Clarismundo Fornari



(Fonte: Google Maps, dez.2013)

Em meados de março do mesmo ano, fui informada da falta de professor de geografia para ministrar aulas ao Ensino de Jovens e Adultos – EJA, em um polo que se localizava num bairro periférico. O que me deixou pensativa, pois não sabia da

existência de outro polo a não ser o que se localiza no centro da cidade, no Centro de Educação Complexo Argos Jundiá (FIGURAS 3 e 4), conhecido como simplesmente Argos.

Figuras 3 e 4. Centro de Educação Complexo Argos Jundiá



(Fonte: Prefeitura de Jundiá, 2013)

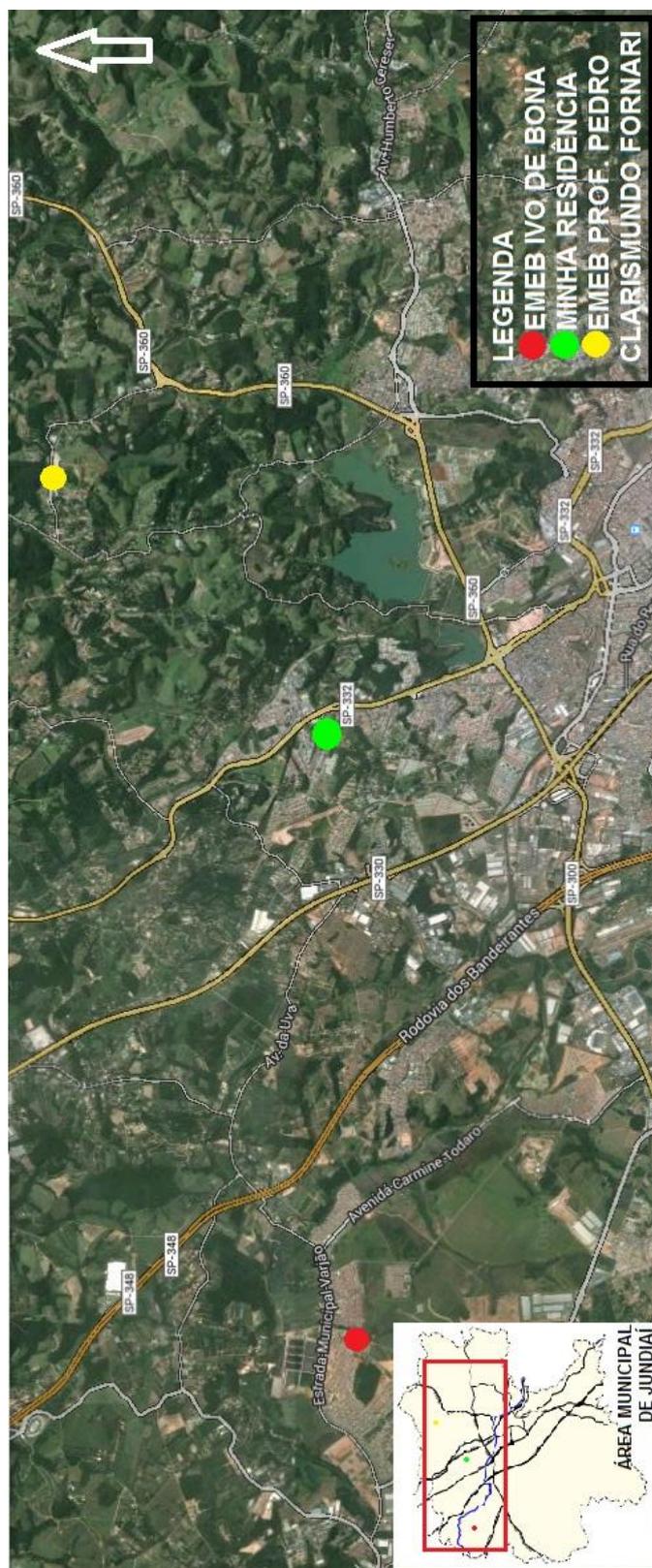
Então entrei em contato como o coordenador do EJA, pertencente à prefeitura, o qual expressou fortemente a necessidade da vaga ser preenchida, pois caso contrário, alunos ficariam pendentes na disciplina de geografia. E por outro lado, me seria muito útil financeiramente, pois como já tinha a carga horária toda preenchida no Fornari, as aulas dos EJA configurariam hora extra, com remuneração atrativa.

Fui ao polo central do EJA- Cmeja Prof. Dr. Andre Franco Montoro, na Argos, para acertar o vínculo e receber as orientações devidas sobre os materiais e procedimentos utilizados, tanto do coordenador (Cassiano), como dos professores (Mário e Felipe). E neste eles responderam a minha inquietação sobre a descentralização do Cmeja, o porquê de uma unidade fora da Argos, dizendo que foi uma demanda clamada pelos moradores do bairro.

Este foi o primeiro (e especial) estalar positivo ao olhar pela comunidade que em breve conheceria. Pois até o momento os comentários giravam em torno do grande tempo que gataria no deslocamento, devido à distância, sem contar os rumores quanto à violência, rótulo clássico dado às periferias. Mas diante de toda essa segregação, o bairro mostrara uma força organizativa, que junto a sua população, alcançaram um objetivo.

25 de março de 2013, meu primeiro dia no Varjão. E para minha sorte, deu para conciliar os meus dias de aula com mais duas professoras, colegas do Fornari que também ministravam aulas no EJA, com quem eu pegava carona, uma grande ajuda, pois o mesmo trajeto sendo realizado de transporte coletivo levaria um tempo consideravelmente maior, ocasionando possíveis atrasos. Segue a figura 5, onde é possível visualizar as distâncias entre as escolas Ivo de Bona e Fornari, e ainda minha residência.

Figura 5. Localização da EMEB Ivo de Bona, EMEB Profº Pedro Clarismundo Fornari e minha residência



(Fonte: www.google.com.br/maps, 2014; Adaptação de Natália P. de Oliveira)

Era o quinto dia do outono, o tempo do dia equivalente ao da noite. Saia às 17h30 do Fornari para iniciar as aulas do EJA às 18h30. O horário de tal percurso coincidia então, com o início do por sol, um presente estonteante. O degrade do arrebol impossível de reprodução em qualquer aquarela. (FIGURA 5) Se por um ou vários motivos tivera desgastes no transcorrer das jornadas matutina e vespertina – poder observar aqueles tons calorosos e ao mesmo tempo aconchegantes, segundo a segundo modificando e abrigando-se sob o horizonte, era um sopro de renovação para a próxima jornada.

Figura 5(Fonte:<http://www.jundiainet.com.br/> Acesso em 2014)



Ao chegar ao novo local de trabalho, EMEB Ivo de Bona, no bairro conhecido como Varjão , outros encantamentos. Primeiro quanto a estrutura física, uma escola de dimensões amplas, de asseio e organização apreciáveis. E segundo, quanto a composição humana, o mais fascinante, devido a diversidade cultural que passou por minhas aulas, cada aluno natural de uma localidade, que dificilmente repetia a cidade. Na maioria deles advindos do nordeste, em seguida, dos estados de São Paulo e Minas Gerais. (Quando restavam uns minutinhos ao final das aulas, e por vezes durante a aula mesmo, tinha grande prazer em ouvir as histórias de vida de cada um deles. Fato muito positivo, que facilitava as exemplificações de diversas matérias presentes nos conteúdos das apostilas. Os tornando personagens dos livros e, conseqüentemente, contribuindo para cada vez mais serem os autores de suas trajetórias no espaço geográfico.)

E mais, todo esse movimento não me despertara interesse apenas pela mudança espacial, de migrar de um local ao outro, por fatores de

repulsão do município de origem e aos atrativos da cidade que chega. Mas que tal movimento permanece há inúmeras gerações, persiste no tempo.

Ah, esse fato borbulhou em minha cabeça. Despertou uma curiosidade tamanha em compreender de forma específica esse movimento migratório. Quais os motivos particulares ao longo dos anos configurava a mobilidade? Em quais locais de fato na cidade estavam se direcionando esse contingente de mão de obra? Teria ligação direta ao Distrito Industrial, devido a proximidade? Até que ponto o crescimento dos bairros ali ao entorno estariam ligados a instalação do Distrito Industrial? Até que ponto as ações públicas de melhorias ao Varjão e bairros circunvizinhos (inclusive a chegada do polo de EJA) estariam ligadas primeiramente às demandas das empresas do Distrito Industrial?

E os questionamentos não cessavam. Como pode um bairro, com tamanha diversidade de origens, apresentarem ações coletivas de forma tão integradas? Quais seriam os líderes? Havia líderes? Quais os elementos centrais que os agregavam de forma solidária? Haveria uma identidade local formada?

E quanto ao próprio nome dada ao bairro, algo não definido por completo, pois é conhecido e usualmente utilizado: Varjão. Mas oficialmente é Jardim Novo Horizonte. Qual seria a história de cada um deles? O porquê da mudança? Por que a população não incorporou o novo nome? Há um sentimento identitário com Varjão?

Bom, estes foram os questionamentos iniciais, porém não findaram, tampouco tornaram-se fixos, vão se transformando com novos questionamentos e com as descobertas da pesquisa.

Expondo meu apreço e curiosidades despertadas pelo Varjão aos meus familiares, uma feliz coincidência ocorreu. Minha irmã havia feito

um curso no SENAC – Unidade Jundiaí, de Captadores de Recurso para o Terceiro Setor (2011), onde também estavam matriculadas duas pessoas do Varjão, a Glória e a Janaina. Para a conclusão do curso era necessário a entrega de um projeto, o qual as residentes do Jardim Novo Horizonte, desenvolveram um projeto (iniciado em outro curso feito no também SENAC) sobre o próprio bairro. Logo, minha irmã me passou o contato delas.

Mas na correria do trabalho, que quase preenchia todos os dias e noites em sala, o tempo que não estava na sala, estava preparando aula ou corrigindo atividades, fizeram com que o contato com Glória e Janaina fosse adiado. Assim que meu contrato acabou com a prefeitura pude iniciar, ainda que timidamente, a pesquisa em torno de uma parcela de minha cidade natal. (Estava me dedicando também a estudos para um concurso.)

Finalmente consegui marcar um horário com Glória e Janaina, dentre alguns desencontros, pois elas são bastante ocupadas. São agentes comunitárias de saúde, fora o intenso envolvimento em várias atividades que desempenham no bairro, que levaram as mesmas a serem consideradas grandes conhecedoras dos problemas locais e agentes de transformação – convictas da possibilidade do desenvolvimento local.

Ações estas, que as caracterizam como líderes de bairro, o que me conduz ainda mais a uma aproximação para a realização da pesquisa. Sendo assim, segue adiante o relato do primeiro encontro com essas mulheres ativas na/da sociedade.

1º Encontro com lideranças locais

Local: Centro Comunitário São Francisco de Assis (Cáritas)

Data: 08. nov. 2013 às 15h30

Ao chegar no Centro Comunitário, procurei pela Janaina, com quem havia agendado, me informaram que ela ainda estava no seu local de trabalho, o posto de saúde localizado ao lado. Enquanto aguardava tive a oportunidade de conversar com funcionárias (Assistente Social Karla Andrilli e a Terapeuta Ocupacional Aline Chrispin), colaboradoras voluntárias das oficinas de costura e artesanato (Nilma e Edileuza) e um dos assistidos do Centro. Eles me falaram rapidamente sobre as atividades desenvolvidas no espaço. Enquanto trabalhavam e conversavam comigo, organizavam os materiais realizados pelos assistidos do Centro Comunitário nas atividades das oficinas artesanais, pois iriam na manhã seguinte participar da 13ª Feira da Solidariedade. Segundo informações dispostas no sítio eletrônico oficial da prefeitura, é uma feira artesanal e de atividades culturais, em prol das organizações sociais, organizada pela associação de assistência social Cáritas Diocesana de Jundiáí.

Depois de algum tempo a Janaína chegou e nos apresentamos. A Glória estava ocupada na resolução de questões particulares e não pode comparecer. Conteí sobre forma que conheci o bairro e apresentei meu interesse em fazer a pesquisa acadêmica sobre o mesmo. Todos ali presentes se mostraram satisfeitos pelo interesse e falaram que seria o segundo TCC sobre o bairro, pois uma nutricionista havia feito um trabalho final na área da saúde. E esta mesma nutricionista ainda estava com parte do material elaborado por vários moradores do bairro, que conta a história através de fotografias, relatos de moradores antigos e pesquisas documentais.

Nesse momento, ao mesmo tempo em que fiquei eufórica com a mobilização já ocorrida em busca das raízes do bairro, fiquei receosa de ainda não terem recuperado o material. No entanto, as pessoas

que tive contato me colocaram o quanto o resgate histórico do bairro é importante, e que não iriam desistir de recuperar tais documentos.

Então Janaina me chamou para ir ao posto de saúde, seu local de trabalho onde havia computador disponível, para me mostrar o projeto que foi idealizado durante o curso de Agentes de Desenvolvimento Local no bairro do Varjão I, também oferecido pelo SENAC- Jundiaí, e viabilizado através dos resultados do curso de Captadores de Recurso para o Terceiro Setor – queria mostrar a apresentação do Projeto Vuelas Culturais.

Após diagnóstico elaborado pelos participantes e a principal carência do bairro é a falta de aparelhos de cultura, lazer e entretenimento, dessa necessidade surgiu uma proposta de utilização das vielas (ligação entre uma rua e outra, e principal acesso de muitas residências) como espaço de encontro cultural e recreativo.

Duas participantes deste curso sentiram a necessidade de uma melhor metodologia na hora de ir buscar os recursos para o Vuelas. Assim, Janaina e Glória levaram a proposta para dentro da sala de aula do Curso de Captadores de Recurso para o Terceiro Setor, que acontecia nas dependências do Lar Anália Franco. Desse modo, iniciamos a captação de recursos humanos para viabilizar o projeto. (...)

O Primeiro desafio foi elaborar o que de fato iríamos realizar e construir realidade a partir daquilo que sonhamos juntos, nesse espírito elaboramos.

Atividades:

1- Varal Literário: Formar uma biblioteca sobre corda, trazendo livros, gibis, revistas dispostos em um varal a alcance de quem passar pela viela.

2- Brincando na Vuela: Resgatar as boas brincadeiras infantis que outrora enchiam as praças e ruas de crianças.

3- Vuela Musical: trazer para a viela pessoas, grupos, corais da própria comunidade para um sarau.

4- Jardim na Minha Porta: transformar o espaço da viela em jardim, utilizando garrafas pet's e mudas de flores de fácil cultivo.

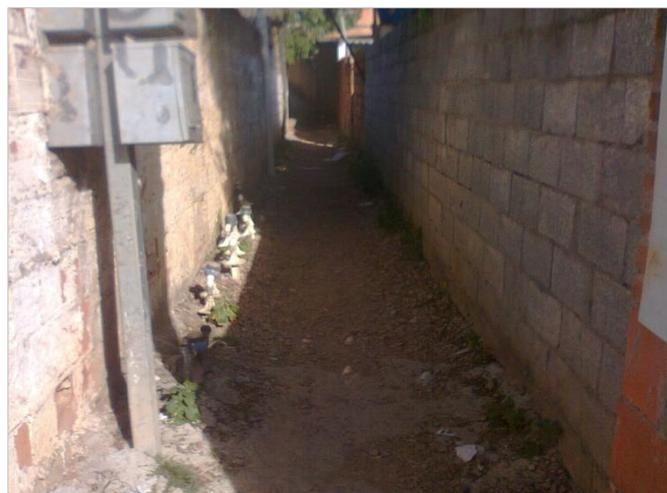
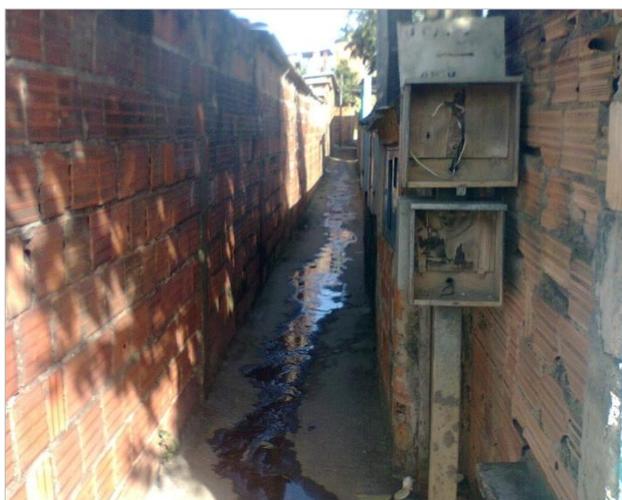
5- Colorindo a Vuela: Por meio do grafite, construir obra de arte dentro da Vuela com o tema resgate da memória social.

(Fragmento retirado da apresentação do Projeto Vuelas Culturais, e também fonte das imagens abaixo)

Figura 9. Logo do projeto Vuelas Culturais



Vuelas: ANTES DO PROJETO VUELAS CULTURAIS



Figuras 10 e 11. Projeto Vieiras Culturais

VARAL LITERÁRIO

REVISTA NO VARAL

LEITURA NA VIELA



JARDIM NA MINHA PORTA

PREPARAÇÃO DA TERRA

SUSTENTABILIDADE



PINTURAS NO ROSTO

FILAS PARA A PINTURA



ARTE NO ROSTO



MÚSICA

ARTISTA LOCAL



MÚSICA PARA A VIELA



GRAFITAGEM

ANTES DO GRAFITE



DEPOIS DO GRAFITE



AGRADECIMENTOS

DONA AUGUSTA



E A COMUNIDADE LOCAL



(Nota: A Dona Augusta viera a falecer, em sua homenagem colocaram seu nome à Viela.)

A cada momento deste primeiro encontro, tinha mais certeza de meu desejo em envolver-me e ousar compreender esse espaço solidário, onde a população busca com o que tem ao alcance, melhorias locais. Só esse projeto já é capaz de tecer um lindo trabalho científico, com uma das possibilidades de territorialização dos espaços públicos.

Segue abaixo, de forma simplificada e rudimentar a divisão dos bairros em torno do Varjão/Jd. Novo Horizonte (FIGURA 16), explicados pela moradora local Francelina, filha da Glória, que junto a Janaina e demais integrantes realizaram o projeto Vieras Culturais. Esta área ilustrada se localiza na porção oeste do município, onde de acordo com os dados oficiais de planejamento da prefeitura de Jundiaí, é chamado de Vetor Oeste. Tal nomenclatura se relaciona a uma das organizações presentes no bairro, o Coletivo Vetor Oeste. Este, é um grupo organizado por moradores, lideranças comunitárias e comerciantes dos sete bairros que compõem esta região da cidade.



Figura 16. Delimitação dos Bairros vizinhos ao Varjão

LEGENDA

	Bairro Antigo: Varjão – Atual: Jardim Novo Horizonte
	CDHU pertence ao Jardim Novo Horizonte
	Futura construção de outro CDHU, para provimento das famílias que serão desapropriadas para implementação do projeto de Urbanização do Novo Horizonte.
	Bairro Parque Residencial Jundiaí
	Bairro Parque Almerinda Pereira Chaves
	Bairro Fazenda Grande
	Parque Industrial Jundiaí (esq.) e Distrito Industrial (dir.)
	Rio Jundiaí (o que deu o nome ao município)
	Divisa entre os municípios de Jundiaí e Itupeva

Ao longo dos diálogos com os presentes neste primeiro encontro, foram colocadas algumas entidades que desempenham atividades sociais no bairro, bem como nomes de pessoas referenciais do bairro, as quais poderiam contribuir com a pesquisa. Desses nomes, dois em específico foram mais recorrentes, o José Bessa, presidente da associação de bairro, residente do Jd. Novo Horizonte II; e Edicarlos Vieira, líder local e membro do Coletivo Vetor Oeste.

Antes mesmo de solicitar um novo encontro, a Janaina já fez um convite para participar da reunião com o Coletivo Vetor Oeste, que aconteceria no dia seguinte. A pauta seria o levantamento da demanda de atividades de interesse da população, a serem implementadas no Centro Comunitário do Jd. Novo Horizonte.

2º Encontro com lideranças locais

Local: Centro Comunitário do Jardim Novo Horizonte, Rua 8

Data: 09.nov.2013 às 16h

Um sábado ensolarado. Típico de curtir um lazer, um hobby, ou ficar naquele ócio produtivo. Mas estava pronta para o estreitamento, aos poucos, com a comunidade. Bem animada e cheia de expectativa sobre o encontro que indicaria um preliminar perfil do bairro.

Sem saber ao certo como chegar no local do encontro, perguntei a moça que estava sentada ao meu lado dentro do ônibus, e por sorte, ela iria descer no mesmo ponto e ainda passaria na mesma rua.

Quando cheguei, as cadeiras já estavam dispostas em círculo e os participantes já acomodados (FIGURA 17). O público era variado, diversas faixas etárias, mas uma em especial a mais representativa, as crianças – que poderiam estar brincando, mas estavam ali, estampado em suas faces a expectativa em serem ouvidas.

Figura 17. Reunião com o Coletivo Vetor Oeste, poder público e comunidade



Além dos moradores do bairro estavam presentes participantes do Coletivo Vetor Oeste, membros da associação de bairro e a Eliane da Silva Pinto, Diretora da Ação Comunitária, que faz parte da Secretaria de Cultura, a qual solicitou pelo encontro, o que faz parte de sua função dentro dos planejamentos da secretaria que participa – levar atividades culturais no sentido de resgate dos bairros, e mesmo para a apropriação do espaço do Centro Comunitário que vem sendo subutilizado.

Para melhor visualização das atividades levantadas pelos presentes na reunião, segue os dados na tabela abaixo:

Tabela 1.	LEVANTAMENTO DE ATIVIDADES DE INTERESSE DOS MORADORES DO JARDIM NOVO HORIZONTE					
GRUPOS	ATIVIDADES					
CRIANÇAS						
JOVENS	Movimento: dança de rua, capoeira, karate, pista de skate.	Aulas de desenho, teatro e grafite.	Música: rock, rap, funk e sertanejo, trazer o Projeto Guri.	Buscar parcerias com outros órgãos e empresas para cursos profissionalizantes e aumento do quadro de menores aprendizes.	Cine club: levar filmes de variados estilos, e ao final levantar comentários e gerar debate.	Lan house social. Buscar doações de computadores e parcerias com empresas para disponibilizar internet.
MULHERES	Oficinas de artesanato, crochê/costura e culinária.					
IDOSOS	Dança da 3ª Idade		Ginástica			

Em meio as colocações em torno das atividades pretendidas a serem realizadas no espaço, Janaína – a agente de saúde e líder local, ressaltou que o principal alvo é “*tirar essa molecada da rua, tirar eles da boca do mal, (...) dar uma opção para eles.*” Nesta fala, ela retrata um grande problema que coloca os jovens do bairro em risco social, a

presença do tráfico de drogas. E, mostrando assim, a necessidade que urge em ocupar, proporcionar espaço de lazer e formação para as crianças e jovens.

Quando estavam expondo o interesse da realização de um Cine Club, a demanda dos mais novos presentes balizou a grande indústria de filmes, utilizaram o termo “filmes Hollywoodianos”, dentre as preferências estavam os de ação, terror, suspense e comédia. Neste momento houve a interferência de dois professores presentes, que de forma didática colocaram a importância de filmes/vídeos com conteúdo da história local e mesmo de nosso país, acrescentaram que só entendendo as nossas raízes que poderíamos partir para uma transformação local. (Nota-se aqui, a presença da busca pelo empoderamento)

E ao tocar em história local, os mais velhos foram levantando alguns dos principais marcos da formação do bairro. De forma resumida contaram que, desde 1873 já havia moradores na área do Varjão, junto com a estrada de ferro da linha Sorocabana, que em Jundiá se dava o entroncamento com a linha da antiga Cia São Paulo-Railway. O fato de acompanhar os trilhos lhe imprimiu um peculiar contorno espacial, de largura estreita e com extenso comprimento, tanto que de uma margem do Varjão, passa por três outros diferentes bairros.

Nesta região havia grandes fazendas. E com a chegada de japoneses nesta área de varjão (note a utilização da letra minúscula – esta é a origem do nome do bairro), estes imigrantes passaram a cultivar o plantio de arroz. Os trabalhadores das fazendas em sua maioria eram nordestinos. Mas com a decadência agrícola os trabalhadores da fazenda são mandados embora, e estes sem recursos para adquirir suas terras, ocupam as margens da fazenda e mesmo sobre os trilhos do trem, que também fora desativado, com os novos interesses políticos e econômicos do estado paulista, bem como da nação.

Tal ocupação, não foi facilmente aceita, perfazendo inúmeros conflitos, de um lado os ‘invasores’, que construía suas casas em mutirão ao longo da madrugada; e de outro, os funcionários da Cia ferroviária, que desmanchavam as construções durante o dia. Até que um dia venceram a batalha e puderam se territorializar.

Com essa história se encontra-se a origem do nome do bairro, e então, neste momento houve o questionamento sobre qual seria o motivo de “Jardim Novo Horizonte”. Foi quando o presidente da associação de bairro Zé Bessa tomou a palavra,

“Foi através de antigo presidente da associação do bairro, que trabalhava lá na prefeitura. Um dia voltando para casa depois da jornada de trabalho, se deparou com o por do sol que estava por de trás e misturado com a poeira, formando uma nuvem vermelha, estava diante de seus olhos um lindo horizonte. O que deu um estalar na ideia do presidente: um Novo Horizonte.”

Neste momento, não tem como deixar de associar tal descrição, com a minha própria experiência, relatada anteriormente, exaltando este mesmo por do sol. Não que eu esteja defendendo a mudança de nome, apenas evidenciando a beleza desse fenômeno natural que se repete em todos os finais da tarde.

Mas, parte dos ali presentes não acataram com bons olhos essa história. Para além de jogos toponímicos instigados com a contraposição entre Varjão – Novo Horizonte (que eu tenho adorado fazer), a alteração destes nomes também pode render um bom trabalho. Como já falado na primeira parte deste Diário de Campo, quanto a resistência de parte da população em aceitar o novo nome, pois seria renegar a própria história, apagar as raízes. E por outro lado, alguns moradores tanto incorporaram a nova designação, como depositam em Jardim Novo Horizonte a superação do preconceito sofrido antes, de forma mais contundente, ao dizerem que eram do Varjão. Exemplo na fala abaixo,

“Quando alguém pergunta da onde você é, e você responde Varjão. Ah! Já vão mudar a forma de te olhar. Vão te medir dos pés a cabeça e olhar torto. Vão falar que é da favela, é do barro. E antes de ter o sistema de Terminal de Ônibus, quando o ônibus saía daqui do bairro e ia até o centro, chegando lá nem precisavam ler qual era a linha, a poeirada ou lama que pregava no ônibus já entregava de onde estava

vindo. E quem visse você descer daquele ônibus ia te atender diferente."

Ao final da rodada de conversa e explanação das necessidades locais, a diretora de Ação Comunitária, Eliane, propôs como início das atividades e ocupação do espaço, a realização de um Sarau Cultural para meados de dezembro, para fechar o ano em clima de parceria comunidade – prefeitura. E aceitaram, evidenciando empolgação.

Assim que se encerrou o encontro fui me apresentar ao Edicarlos, a Eliane e ao professor William, falei de meu interesse em realizar o trabalho com o estudo do bairro, e como demonstração de interesse em contribuir, solicitaram a troca de contatos.

Em ainda tive a oportunidade de ficar um bom tempo conversando com o presidente da associação de bairro, o tão falado Zé Bessa. Ao abordá-lo, para me apresentar e falar da pesquisa pretendida, ele estava vendo um painel exposto na parede do Centro Comunitário, o qual tinha o mapa do projeto de urbanização para o Jardim Novo Horizonte (FIGURAS 18, 19, 20, 21 e 22). Imagem esta, que deu base e orientou nossa conversa. Foi um excelente instrumento para a compreensão e localização da formação e futura transformação do bairro.

Figura 18. Projeto de Urbanização Jardim Novo Horizonte



Figura 19. Projeto de Urbanização Jardim Novo Horizonte
- Porção da área do Jardim Novo Horizonte I, formação mais antiga do bairro

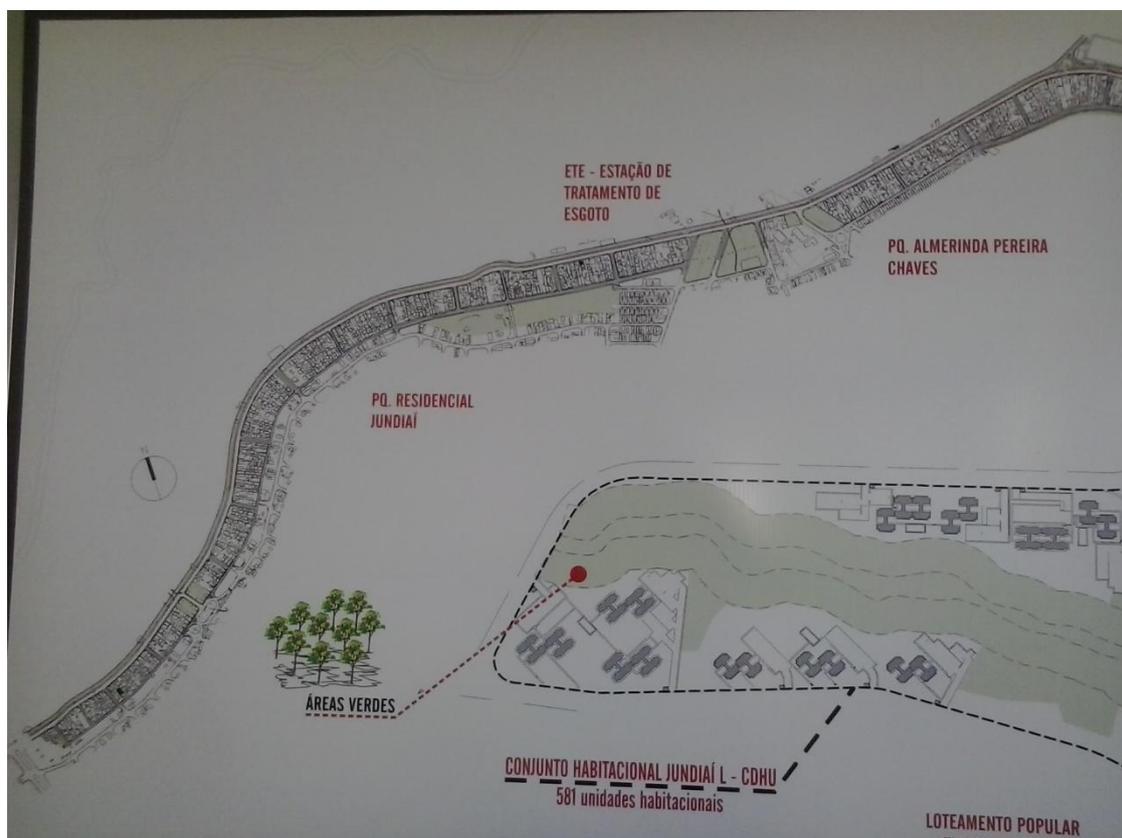


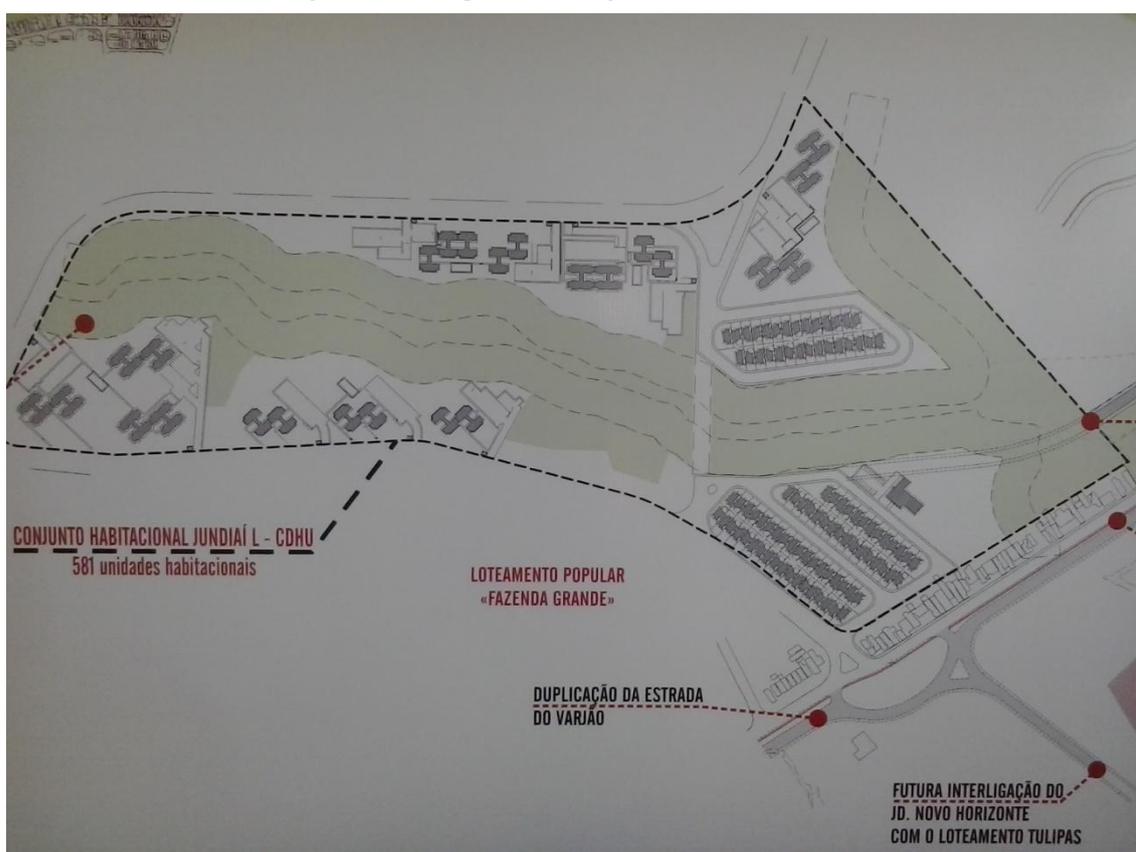
Figura 20. Projeto de Urbanização Jardim Novo Horizonte
- Porção da área do Jardim Novo Horizonte II



Figura 21. Projeto de Urbanização Jardim Novo Horizonte
 - Porção da área do Jardim Novo Horizonte III – ocupação mais recente



Figura 22. Projeto de Urbanização Jardim Novo Horizonte
 - Criação do Conjunto Habitacional Jundiáí L, previsto para a realocação dos moradores que serão removidos do Jardim Novo Horizonte para a criação e regularização de vias de acesso.



Zé Bessa me falou que este painel é a representação do projeto da gestão anterior. Mas, no novo governo, que assumiu este ano com o Prefeito Pedro Bigardi, filiado ao PC do B (é interessante colocar a ruptura que representa a eleição do prefeito atual, de 20 anos ininterruptos de governo do PSDB), o projeto passa por um replanejamento, desta vez, segundo ele, com a participação da população local.

Ah! Acredito que meus olhos estavam a brilhar junto aos ouvidos atentos às falas de Zé Bessa. Sinto que este projeto de urbanização será o de maior ênfase da pesquisa a que pretendo desbravar.

O líder local me contava mais sobre seus conhecimentos diante das transformações espaciais que iriam acontecer, e sua percepção quanto as diversas reações da população em torno deste projeto de urbanização. Ouvi-lo era um combustível aos questionamentos:

- Quais órgãos (escala nacional, estadual e municipal) participam do projeto?
- Quais serão as mudanças efetivas? (asfaltamento, criação de ruas...)
- O fim das vielas? E o projeto Vieras Culturais?
- Quais casas seriam desapropriadas? Qual o parâmetro de escolha?
- Quais seus impactos? (reação das famílias que serão remanejadas)
- O reassentamento será voluntário?
- Como serão essas novas moradias, atenderão as necessidades locais?
- Estão levando em conta a dimensão social, ambiental, histórica e cultural? (ou é ação pontual)
- Como foi alcançada a revisão do projeto? (agora com a participação da população)
- Até que ponto estarão ouvindo a população?

Bom, com adiantar da hora, o mais conveniente seria o encerrar o papo por hoje. Mas já adiantei em tom amigável, ao Zé Bessa, que ainda precisaria de horas e horas de conversa com ele. Ele caiu na gargalhada, e respondeu que teriam imenso prazer. Não bastasse a delicadeza e tamanha recepção, ainda me deram uma carona até parte do meu caminho de volta para casa.

3º Encontro com lideranças locais

Local: Complexo Fepasa/FATEC (Av. União dos Ferroviários, 1700 – Centro)

Data: 07.dez.2013 das 9h – 18h

Já transcorrera quase um mês do último encontro com parte dos líderes do Vetor Oeste. Neste intervalo participei do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana- SIMPURB, o qual se realizou no Rio de Janeiro, na UERJ – Campus Maracanã. E a grande motivação para participar deste evento, foi justamente pelo cunho temático da pesquisa retratada neste Diário de Campo.

O interesse em reaproximar da produção científica em torno da Geografia Urbana está latente. Uma vez que, desde a metade da graduação, meu envolvimento nas pesquisas-extensão-ensino estavam entrelaçados em Geografia Cultural (manifestações da cultura popular) e Geografia Agrária (práticas agroecológicas; educação ambiental/campo). E sem contar a experiência profissional ministrando aulas de Geografia Física (Manejo de Bacias Hidrográficas; Natureza e Propriedades do Solo; e Geoprocessamento) ao curso de Agronomia, na UNEMAT – Campus Nova Xavantina, MT.

Cabe ressaltar sobre esta última experiência profissional, o quanto foi desafiante extrapolar as questões técnicas, que regularmente são tidas como o ponto central para a produção do conhecimento nestas áreas. Pude então exercitar, num esforço constante durante a prática de ensino, a concepção das geotecnologias como ferramentas/processos – e não como o fim, para a compreensão e análise do espaço e seus fenômenos. Entre outros desafios, diários, como “*a quê?*” e “*para quem?*” dedicar a aplicação destas ferramentas na produção do conhecimento – em meio a outros que não cabem serem colocados aqui.

No fundo, este perpassar nas diferentes áreas, subdivisões do conhecimento, refletem de alguma forma meu olhar ao mundo, que procura abarcar o máximo de lentes, de elementos que compõem sua natureza. E este não seria o olhar geográfico em sua essência?

Claro, sem deixar de reconhecer o risco que se corre em reduzir ou simplificar a análise de cada face/ área específica.

Mas, como também parte de meu perfil pessoal, em dedicar-me honesta e integralmente àquilo que me proponho ou envolvo, estou “correndo atrás” deste distanciamento da discussão profunda e recente no que se refere à produção do espaço urbano. Assim, ao retornar do XIII SIMPURB, mergulhei em referenciais da Geografia Urbana. (Neste momento também devo enviar o andamento da monografia para a comissão que julga meu religamento na UFV, para a formação em Bacharel; tampouco, aproveitando o ritmo de estudo e encantamento/envolvimento com o objeto/sujeitos da pesquisa, a realização de um pré-projeto de Mestrado a ser submetido à FFP-UERJ).

Os relatos acima (exceto as digressões pessoais) retratam os motivos do intervalo do último encontro com os sujeitos da pesquisa, ao que será descrito agora.

“Conferência Municipal de Juventude 2013 – Nossos sonhos jamais envelhecem”. Foi neste evento a retomada de contato com os participantes do Coletivo Vetor Oeste. Marcado a princípio com um dos líderes, Edicarlos Vieira (já apresentado no relato do encontro anterior), pois nesta agenda urbana o tempo é corrido, e poderíamos aproveitar algum momento de intervalo da conferência para conversarmos. (Ah! Que saudades do tempo da roça, que permite uma conversa tranquila na própria casa, com direito a cafezinho. risos!)

Estavam presentes além do Edicarlos, a Karla e Nilma (ambas também já mencionadas, respectivamente, assistente social e voluntária do Centro Comunitário da Cáritas), Wallace e Érica.

Nesta conferência, dentre os pontos da pauta, estava a eleição dos Conselheiros de Juventude, Conselho¹ este, que faz parte da Coordenadoria de Políticas Públicas para a Juventude, em prol da

¹ Descrição presente no Regimento Interno da Conferência Municipal de Juventude 2013, Capítulo II, Art. 17. O Conselho Municipal da Juventude, órgão colegiado, de caráter consultivo, vinculado à Secretaria Municipal da Casa Civil tem por finalidade, nos termos da Lei nº 6.003 de 10 de março de 2003, elaborar, coordenar e executar políticas públicas que garantam a integração e a participação do jovem no processo social, econômico, político e cultural do Município.

gestão participativa. Representando o Poder Público estavam os vereadores Rafael Purgato e Paulo Malerba junto a coordenadora da Juventude, Narrinam Camargo (Nana).

A presença do Vetor Oeste não fora simplesmente de espectadores. Com os anseios ao empoderamento local, buscavam ali, o desejo de comporem como membros do conselho, em específico concorreram aos segmentos de Movimento Estudantil Secundarista e Diversidade Religiosa, inscritos respectivamente por Wallace (18 anos) e Érica (17 anos).

Mas, como a maioria, se não todas, das eleições políticas tem por trás da candidatura de um membro e da busca pelo voto, uma trama complexa de jogos de interesses que resultam em alianças partidárias. E nesta 'ágora' não foi diferente. O próprio local da conferência, já não se fez neutro, num auditório da FATEC, Faculdade de Tecnologia de Jundiaí, Centro Paula Souza – o qual é palco de movimentos estudantis (arrisco a dizer que é o mais ativo do município) vinculados diretamente a partidos. E a teia partidária se estende a outros espaços da esfera que engloba a juventude; e outros nem tão jovens, mas sedentos por domínio e poder, que se fizeram presentes na conferência.

Acredito que por trás desse envolvimento ideológico partidário dentre os jovens estejam, sobretudo, fugazes desejos de transformação. Os quais procedem a arquitetura das possíveis alianças, bem como das indicações para cada cargo, neste caso – segmento, que se configure conveniente aos 'maiores' interessados. Bom, os candidatos do Vetor Oeste, não faziam parte dessas coligações, com isso ficaram de fora das "colinhas" de candidatos preestabelecidos. Resultando em baixo número de votos, onde, por outro lado, foram poucos representantes do próprio oeste para angariar mais votos. Wallace e Érica ficaram para suplentes. O que não os exclui totalmente do Conselho.

Não vou me estender detalhando cada pauta e discussão levantada na conferência, pois não cabe diretamente neste relato. Mas, entretanto, ressalto a iniciativa dos moradores do Vetor Oeste em busca de atuação nos espaços formativos de políticas públicas, ainda mais voltadas a essa faixa etária – a juventude, que se caracteriza pela vulnerabilidade, principalmente residente de áreas periféricas.

A conferência foi de certa forma densa, onde tivemos apenas o horário de almoço para falarmos da pesquisa. Levei impresso o roteiro detalhado do que pretendia no trabalho (o sumário da monografia com as indicações do que seria discutido em cada capítulo e tópicos), sempre retomando a abertura para interferências e mudanças caso achassem necessário. Lembrando que desde o primeiro contado com as lideranças, já apresentava meu interesse em realizar tal pesquisa, e como retorno dos moradores grande satisfação, que se mostra concretamente no empenho em contribuir para a construção deste trabalho.

O tópico “*A explosão industrial: urbanização do capital e segregação da classe operária*” foi o que mais gerou discussão. Apresentaram uma identificação imediata com a questão abordada, relatando:

“Muitos moradores do Jardim Novo Horizonte vieram da roça. Tem alguns bois pastando lá por perto ainda hoje. O conhecimento de quem mora lá (lá, pois estávamos no centro da cidade) é muito voltado para roça. E ao lado do bairro tem grandes empresas, como a Sadia. E qual função esse pessoal vai ter nessas empresas sem a formação necessária? Vai ser auxiliar de produção, ajudante, servente. E as empresas precisando de gente qualificada. E se os moradores quiserem estudar, se qualificar, tem que ir até o centro, fora pagar os estudos. Nós precisamos de investimento na educação, na qualificação profissional, e mais, que isso seja no bairro ou nas proximidades, como o Colégio Benetido Storani.”

(Falas intercaladas de todos presentes: Edicarlos, Karla, Nilma, Wallace e Érica)

Nesta fala observamos claramente a diferenciação dos investimentos, que vão de encontro ao tópico - a urbanização se espacializa de forma distinta, não alcançando efetivamente todos os lugares. Os vetores do ‘desenvolvimento’ são guiados por relações de interesses e poderes.

No caso do Varjão, segregado desde sua formação, à medida que se coloca distritos industriais margeando o bairro, e não se direcionam nenhum aparato desde infraestrutura à qualificações de ensino – a

segregação se reproduz e se aprofunda ainda mais com a reconfiguração da força de trabalho.

Já nos dois tópicos que seguem abaixo, construímos juntos uma lista prévia das organizações e entidades; e projetos e ações de políticas públicas presentes no bairro:

TÓPICO - “Ações coletivas e criações de entidades”

- Associação de bairro
- Centro comunitário do Jardim Novo Horizonte (Rua 8)
- Centro comunitário São Francisco de Assis (Cáritas)
- Fundação Antonio Antonieta Gordinho
- Casa da Fonte
- Coletivo Vetor Oeste
- Rede Social Novo Horizonte
- Movimento dos Skatistas
- Grêmio Estudantil da Escola Estadual Almerinda Chaves
- Grêmio Estudantil da Escola Estadual Alessandra Pezzato
- Igrejas
- Pastorais
- Bom pastor
- CREN – Centro de Recuperação e Educação Nutricional
- CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
- UBS- Unidade Básica de Saúde (também desenvolve vários trabalhos sociais)

VIRTUAIS

- Realidade Novo Horizonte
- Coletivo Veto Oeste
- Blog do Edicarlos

TÓPICO - “Políticas Públicas e participação popular”

- Educação de Jovens e Adultos (a minha porta de entrada à pesquisa, como já colocado anteriormente)
- Aumento do número de circulação de ônibus, bem como a redefinição dos trajetos percorridos, através do diálogo comunidade- prefeitura
- Projetos realizados pela secretaria de cultura
- BRT (**Bus Rapid Transit**) Linha de ônibus que ligará o bairro ao centro

- Mapeamento detalhado do território e das demandas locais (quantitativo e qualitativo)

E devido ao reinício das atividades da Conferência, interrompemos a conversa, faltando apenas o último tópico do roteiro: “**A conquista do Projeto de Urbanização: limites, desafios e alguns questionamentos**”. O qual retomaremos nos próximos encontros.

Uma vez já citado anteriormente, quanto as minhas andanças dentro da Geografia (Cultural, Agrária, Física e agora Urbana), há algo que as ligam fortemente, além do próprio espaço geográfico, que se faz presente inerentemente, é o viés social em que as vivenciei. Sempre atrelado à parcela da população que se encontra a margem dos “padrões” culturais, agrícolas e por fim, do urbano.

4º Encontro com lideranças locais

Local: Centro Comunitário do Jardim Novo Horizonte

Data: 15.dez.2013 às 15h

Figura 15. Folder de divulgação do Encontro Cultural: Sarau Novo Horizonte (15/12/2013)

(Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, Secretaria de Cultura)



No caminho algumas imagens... Paisagem que passamos antes de chegar e também a margem do bairro Varjão.

Figuras 16, 17 e 18. Estrada da CESP, dentro do ônibus.



Esta paisagem revela a coexistência de espaços rurais (pasto de gado e plantio de hortaliças) e terrenos reserva de agentes privados (família/herdeiros da família Chaves Cintra Gordinho).

Chegando ao encontro, a festa já havia iniciado, música e causos populares entoavam a roda. Com a presença de Euftrade, artista popular e funcionário da Secretaria de Cultura, na figura abaixo segurando o violão, ao lado de Elaine da Diretoria de Ação Comunitária (FIGURA 19). Os presentes foram convidados a compor o palco, com a manifestação artística que quisessem apresentar. Primeiro foi uma dupla de jovens, um do bairro Varjão e a outra do Almerinda Chaves, bairro ao lado apresentando um instrumental com dois violões. O que despertou nas crianças a coragem de serem os artistas da festa, e soltaram as vozes. Cantaram sertanejo, funk e destaque um jovem, Vitor, que cantou Navio Negreiro, segundo ele, aprendeu na capoeira e conta um pouco de nossa história (FIGURA 20).

Figuras 19 e 20. Crianças do bairro cantando



E falando em capoeira, olha ela aí (Figuras 21 e 22), esta é uma atividade em que há oficinas em algumas das entidades sociais do bairro, e apresentou como demanda para ser oferecida no presente Centro Comunitário.

Figuras 21 e 22. Apresentação de capoeira



Houve o momento risadas, algo não previsto que surgiu de forma espontânea. Começou com uma criança contando uma piada, a partir de então várias outras se lembraram de alguma que sabiam, e viram ali a oportunidade de viverem seu momento comediante.

E Eufrades finalizou com canções populares (FIGURA 23). Foi um momento agradável, apesar de rápido. E os moradores é que deram o tom ao encontro, tendo a liberdade em expressarem-se.

Figura 23. Desfecho com canções populares



Ao finalizar o sarau, continuei por algum tempo ali, conversando com Janaína, Edcarlos que me apresentaram ao Gabriel, ex-morador do Varjão, mas que ainda mantém o vínculo com o lugar. Conhecido por Biel, é um artista, representante do Hip Hop local, e se colocou como um multiplicador desta arte, porém manifestou a

insatisfação do pouco olhar e importância por parte das entidades locais darem a esta manifestação que atinge o gosto cultural de muitos jovens, principalmente, segundo ele, os da favela. Biel fez questão de afirmar: *“O Varjão é uma favela sim, e me orgulho disso”*.

Também tive a oportunidade de me apresentar ao pequeno jovem que me encantou como o Navio Negreiro, parabenizando-o, e com a autorização de sua mãe, onde o pedido foi uma brecha para papearmos também, e fiz a gravação em áudio de um trecho da música.

*Navio Negreiro
De Angola chegou
Cheio de negro
Trazendo o Rei Nagô*

*O Navio Negreiro
Que de Angola chegou
Tava cheio de negro
Trazendo o Rei Nagô*

...

E assim foi o último encontro do ano de 2013 no Varjão, cada vez mais proporcionando forma e conteúdo às minhas vivências.

2014

A retomada nos contatos, após as festividades do final de ano se deram através de um convite virtual, via redes sociais, do Coletivo Vetor Oeste para participar do Bloco Vetor Oeste, o primeiro carnaval de rua

30/jan/2014 – Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas

Fui ao centro comunitário encontrar com Karla para acertar o abadá do bloco de rua e conversarmos um pouco. Porém houve um imprevisto e a Karla não estava presente, quem me recebeu foi a Nilma, monitora das oficinas do Centro Comunitário, também estavam presentes a Aline, Terapeuta Ocupacional e o professor de Educação Física Edilson, contratado para desenvolver um projeto de atividades físicas no local.

A conversa teve como fio condutor a prática docente e o próprio sistema educacional, onde cada um foi relatando suas angústias, desafios, vocações e por fim o desejo de fazer alguma diferença,

mesmo que mínima, na realidade que vivemos. E em especial, ressaltou Edilson, do retorno positivo que sente através da realização de suas oficinas no centro comunitário, pois acredita que neste espaço, crianças e jovens que enfrentam grandes precariedades, em todos os aspectos (desde a moradia à estrutura familiar) tem ali uma formação que proporciona perspectivas de um futuro melhor.

O professor até explicitou uma passagem de suas experiências profissionais, como é formado em Educação Física, tentou trabalhar em academia como instrutor. Mas, Edilson contou que não aguentou, devido às relações sociais que predominam nas academias, quanto aos assuntos, desejos e objetivos voltados apenas ao corpo, ao padrão de beleza. Até que tamanha superficialidade incomodou-o de tal forma, ao ponto de pedir demissão. E continuou em escolas e projetos sociais.

E depois dessa lição de vocação e entrega à educação, retornei para casa.

**23/fev/2014 às 15h – Bloco Vetor Oeste – Basta vir e se divertir
Concentração Praça Onofre Canedo, passando por ruas do Almerinda Chaves até chegar no bar do Zóio.**

Antes de relatar a típica festa brasileira que ocupa as ruas pulando o Carnaval, pela primeira vez organizado pelos bairros do vetor Oeste, principalmente Novo Horizonte, Almerinda Chaves e Residencial Jundiáí, vamos retratar o local do ponto de concentração do Bloco, a Praça Onofre Canedo.

A praça foi inaugurada em outubro de 2013, leva o nome oficial de 'Área de Lazer Onofre Canedo', possui cerca de 30.000 m², localizado entre a rua Mariano Latorre, do lado do Almerinda, e a Rua Oito, do lado do Varjão.

Antes a área era vista como um matagal abandonado e perigoso, dividida por um córrego, por um lado arborizada, e após a revitalização ganhou uma pista de passeio e mesas e cadeiras, como mostram as figuras abaixo

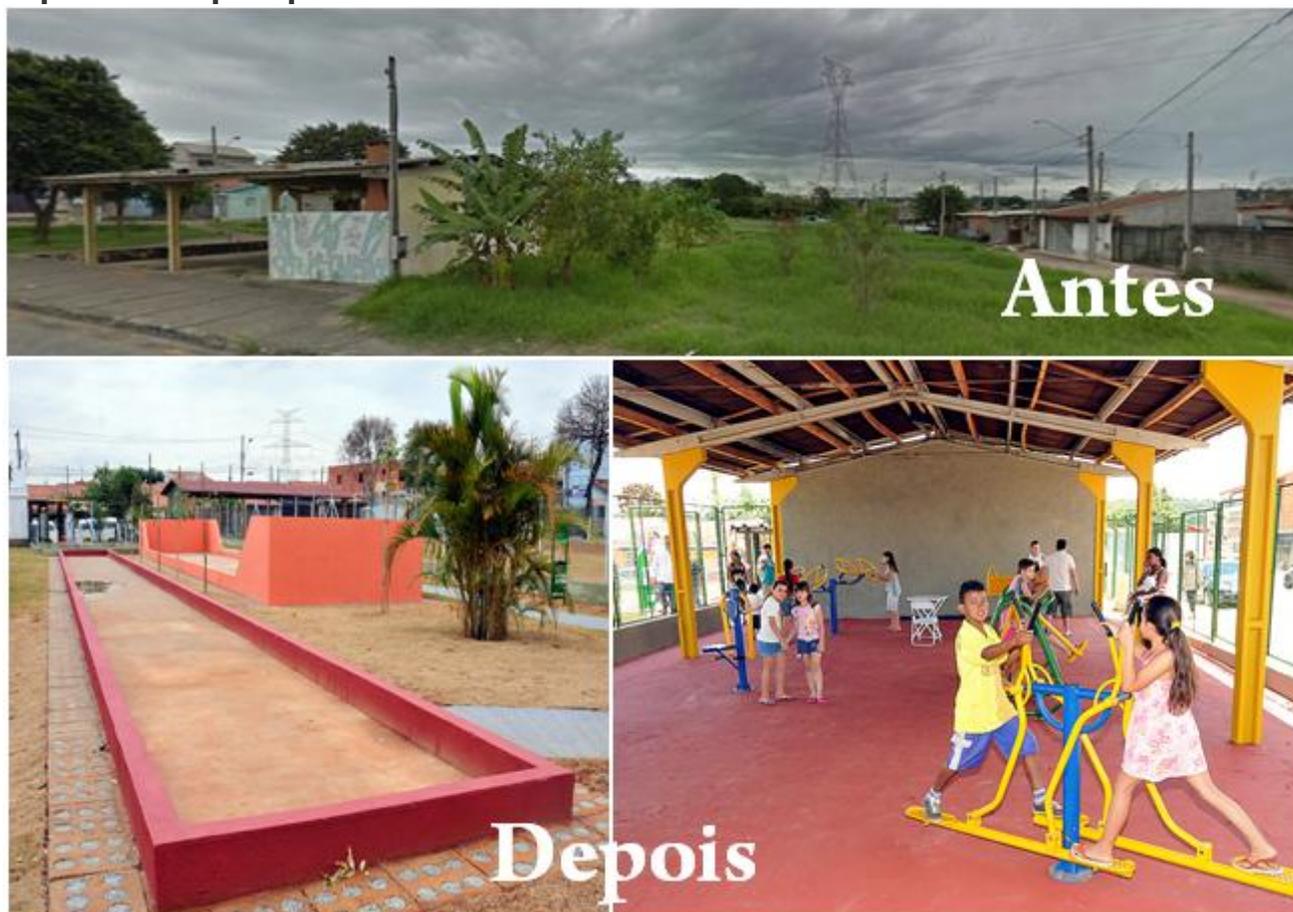
Figura 24 a) e b) . Antes e depois da Área de lazer Onofre Canedo, lado arborizado



Fonte: www.google.com.br/mapas (antes) e <http://www2.jundiai.sp.gov.br/> (depois)

E do outro lado do córrego, agora com uma ponte para ter acesso, estão a pista de caminhada, as canchas de malha e bocha, o parque infantil, o campo de futebol, uma academia coberta e dois banheiros com acessibilidade.

Figura 25 a) e b). Antes e depois da Área de lazer Onofre Canedo, lado esportivo e parque infantil.



Fonte: www.google.com.br/mapas (antes) e <http://www2.jundiai.sp.gov.br/> (depois)

Para entender melhor sobre a origem do nome dado, Onofre Canedo, encontrei algumas referências, dentre elas uma pequena reportagem do Jornal da Região, que cobriu a inauguração da praça. A cobertura feita pelo jornal também aborda o papel da população na transformação desse espaço, a qual foi ativa, solicitando um direcionamento ao poder pública da área antes ociosa para atender as necessidades locais.



Área de Lazer homenageia aposentado ...

Um dos fundadores da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Jundiaí e Região, Onofre Canedo teve a vida toda dedicada à luta por melhorias para a população. Nascido em Jundiaí, o comerciante que sempre militou no sindicalismo lutou até contra a Ditadura para ver os sonhos começarem a ser realizados. Neste sábado (19), numa homenagem feita pela Prefeitura de Jundiaí e pela Câmara Municipal, Canedo foi imortalizado num espaço conquistado da maneira como ele mais prezava: pela vontade e pela voz da população. Com a participação de diretores da Associação dos Aposentados, representantes da Prefeitura e da Câmara, a Área de Lazer Onofre Canedo foi inaugurada no Almerinda Chaves. Um Jequitibá também foi plantado para homenageá-lo. “O Onofre era um filósofo popular. Na sua simplicidade, ele sempre buscava colaborar com as pessoas. Pela sua contribuição com a nossa cidade, merece esta lembrança feita pelos vereadores”, destacou o prefeito Pedro Bigardi.

Para o presidente da Câmara Municipal, vereador Gerson Sartori, a escolha do nome não poderia ter sido melhor. “Era um homem simples, bem articulado, que sabia o que queria e o que era bom para a população. Será sempre um exemplo para nós”, ressaltou.

O sobrinho-neto de Onofre, Reginaldo Canedo, não escondeu a emoção. “O que estão fazendo por nós, por nossa família, é muito gratificante. Onofre Canedo nasceu e se criou em Jundiaí, cidade que ele nunca deixou de lutar. Ele não deixava nada para trás quando se tratava de ajudar o povo”, comentou.

O secretário de Serviços Públicos, Aguinaldo Leite, também lembrou da dedicação de Onofre Canedo. “Eu o conheci e ele sempre dizia que o povo precisava aprender a se organizar e reivindicar ao poder público o que era necessário para melhorar a vida da comunidade. Tratando-se de um espaço de lazer que surgiu após o pedido dos moradores desta região, nada melhor do que uma justa homenagem como essa a este batalhador”.

O homenageado faleceu em 2003, aos 83 anos, vítima de um câncer.

(Emerson Leite)

Foto: Paulo Grégio

Fonte: http://jrjundiai.com/jornaldaregiao/aposentadoalmerinda/?fb_comment_id=fbcomment_513522932079616_942358595862712_942358595862712#f3939ac3a

Caindo na folia...
 O Bloco intitulado:
Basta vir e se divertir, tinha como objetivo chamar toda a família para participar do momento festivo. E foi alcançado, havia todas as faixas etária compondo o corpo dos foliões.



Figuras . Foliões do Bloco Basta Vir e se Divertir, Vetor Oeste-Jundiáí

No ponto de concentração, na praça Onofre Canedo, estavam agentes comunitários de saúde, realizando campanha preventiva de DST(Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS. Um carro de som

embalava as marchinhas carnavalescas. E também esteve presente o grupo de bateria da escola de samba Caprichosos de Jundiá, inclusive duas passistas.

O carro de som foi guiando a comunidade pelo percurso do Bloco, sempre ao som de marchinhas. E a frente estavam agentes de trânsito, organizando o tráfego e bloqueando passagens de automóveis no trajeto a ser percorrido. Pelas imagens podemos perceber o envolvimento e satisfação dos que estavam presentes. A maior parte dos integrantes eram da comunidade, e também haviam representantes de entidades locais e de algumas autoridades públicas, como o secretário de cultura e parte de sua equipe.

Ao chegar ao ponto final, em frente ao Bar do Zóio, a folia continuou mais algumas horas, intercalando músicas do carro de som e o grupo de bateria. Deu para ganhar um calinho no pé de tanto sambar.

08/mar/2014 às 14h – Dia da Mulher, Praça Onofre Canedo





13/mar/2014 às 9h – Reunião da Rede Socioassistencial Jardim Novo Horizonte, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas
Caderno rosa

10/abr/2014 às 9h – Reunião da Rede Socioassistencial Jardim Novo Horizonte, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas
Agenda

10/abr/2014 às 11h – Reunião da Fundação Municipal de Ação Social - FUMAS com alguns líderes do bairro, Centro Comunitário da Estrada Municipal do Varjão

Estavam presentes:

Marisa – moradora e voluntária responsável pelo Centro Comunitário

Edina – Assistente Social da FUMAS

Juliana – Assistente Social da FUMAS
 José Bessa – Presidente da Associação de Moradores União do Novo Horizonte
 Romildo – Líder local (Novo Horizonte III)
 Paulo – Líder local (Novo Horizonte II)
 Antonio da Silva, Toninho – Líder local (Novo Horizonte III)
 E eu, Natália.

03/maio/2014 às 14h – Reunião Coletivo Vetor Oeste, Centro Comunitário do CDHU
 Festa Nordestina



08/maio/2014 às 9h – Reunião da Rede Socioassistencial Jardim Novo Horizonte, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas
 Agenda
 Entrevista Zé Bessa, cópia de documentos



Coquetel Gerson Sartori

13/maio/2014 às 17h – Encontro com Nilma, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas

17/maio/2014 às 14h – Encontro com Janaina, sua residência no Jardim Novo Horizonte III

Cancelado, pois Janaina teve que trabalhar no dia.

20/maio/2014 às 9h – Encontro com Juliana Hashyguchi, Assistente Social da FUMAS

Endereço: Avenida União dos Ferroviários, 2222 - Centro, Jundiaí – SP.

Fui à FUMAS, Juliana não estava presente, pois foi picada por algum bicho, estava sendo medicada.

26/maio/2014 às 13h – Encontro com Juliana Hashyguchi, Assistente Social e Antonio Carlos Baldasso, Engenheiro da FUMAS, envolvidos no projeto de desadensamento e urbanização do Jardim Novo Horizonte.

Endereço: Avenida União dos Ferroviários, 2222 - Centro, Jundiaí – SP.

Assim como solicitado pela instituição, levei uma carta/ofício que registra o pedi de informações referente aos projetos que envolvem o bairro, Novo Horizonte.

Ao chegar à FUMAS fui recebida pela Juliana, e entreguei a carta, que continha o pedido de,

Informações sobre o projeto de desadensamento e urbanização do bairro Jardim Novo Horizonte, Jundiaí-SP, como:

- **as instituições e agentes envolvidos no planejamento, financiamento, execução e acompanhamento do projeto.**
- **dados/mapas/imagens que envolva o projeto.**

Juliana iniciou dizendo, que os dados censitários específico do cadastro da FUMAS estão desatualizados, são de 2005. Disse que vai repassar a sua equipe de trabalho a solicitação das informações, e ver se podem disponibilizar tais dados. Mas fez a observação, que para fazer análises atuais os dados não correspondem, pois o bairro já configura outra realidade, tanto qualitativa quanto quantitativamente. No momento, está em processo licitatório para que uma empresa atualize os dados cadastrais das famílias moradoras do Novo Horizonte. A Juliana, em sua fala, deixou claro que o projeto de urbanização é de grande dimensão, e será realizado em etapas. A etapa inicial será um primeiro desadensamento, voltado para abertura de vias, onde haverá a demolição de casa para dar lugar às ruas. Neste momento perguntei quanto a participação dos moradores sobre a decisão das áreas que serão afetadas. Juliana respondeu que esta etapa envolve mais os técnicos, pois o parâmetro para a desapropriação será “físico” (termo utilizado por ela), que são as moradias em Áreas de Preservação Ambiental; nas Faixas de Servidão (60m) - são áreas sobre as quais passam as linhas de transmissão de energia elétrica da CESP, determinadas para preservar a segurança das pessoas e prevenir problemas com as linhas; e aquelas que estiverem nos traçado das ruas, segundo os padrões de medidas dos quarteirões. Neste último, a assistente social falou que foi a campo com outro profissional da FUMAS e fizeram alguma adequação, para que retirassem as casas mais precárias.

E logo chegou o engenheiro Antonio. Apresentei-me e em poucas palavras falei do despertar e os objetivos da monografia.

Daí então, Antonio falou de ações da FUMAS, através dos engenheiros Michel e Ivo, que já ocorrem no bairro, como

Programa de Atendimento, Auxílio e Prevenção – PAAP

Atendimento preventivo com fornecimento de materiais de construção aos moradores dos núcleos de submoradias que se encontram com as residências em estado de risco.

Para isso, o morador ou responsável pela residência precisa ser atendido por uma Assistente Social da Fumas, que irá abrir um relatório com todas as informações necessárias para serem analisadas pelos engenheiros da Fundação.

Projeto de Atendimento à Calamidade (P.A.C) - Atendimento emergencial com fornecimento de materiais de construção para reconstrução de moradia – desde que não seja área de risco – para as habitações de núcleo de submoradias atingidas por eventos desastrosos. Esse trabalho é realizado em parceria com a Defesa Civil. (<http://fumas.jundiai.sp.gov.br/programas-sociais/outros/>)

No caso do Novo Horizonte, o P.A.C. é acionado quando há alagamentos, devido a sua localização em áreas de várzea do Rio Jundiáí.

Juliana retomou a questão das etapas do projeto, e nesse sentido Antonio falou que no (pré)projeto de urbanização elaborado em 2008 (FIGURAS 18 a 22), do Jardim Novo Horizonte, que inicia com a abertura de vias pela FUMAS. Onde envolve a demolição de casas e realocação de famílias para novas moradias realizadas em parcerias do Estado, com a CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - empresa do Governo Estadual, vinculada à Secretaria da Habitação) e da Prefeitura Municipal de Jundiáí, através da doação de terreno.

Mas já houve mudança, não será mais por verba da CDHU a construção dos apartamentos no Novo Horizonte, esta companhia fará o investimento em outro lugar. Agora a parceria chega a nível federal com recursos do programa Minha Casa Minha Vida, com o governo estadual através do programa Casa Paulista, do município, através da FUMAS com a doação do terreno e com a equipe técnica, e com as empresas concessionadas Zênite, responsável pelo projeto e a Engelux para a construção. E ainda falta a empresa que fará o cadastramento das famílias que residem no Varjão, a qual está em processo de licitação, com a Juliana disse no início da conversa. E para o desapensamento a Secretaria de Obras do município, será responsável pelas demolições das casas.

No total, serão construídos 1088 apartamentos, onde 50% serão destinados aos moradores desapropriados no processo de desapensamento, e a outra metade para atender a demanda

municipal, daqueles que recebem o auxílio aluguel. E no local em que construirão os condomínios de apartamentos, está previsto áreas para comércio, de proporção que atenda os demais bairros vizinhos; uma escola; uma creche; um Posto de Saúde da Família – PSF; e um terminal de ônibus.

Mas no momento a FUMAS está na etapa de realização do Projeto Execultivo.

As demais etapas da urbanização, segundo os técnicos da FUMAS, Juliana e Antonio, envolvem a regularização fundiária, neste processo de regularização os terrenos devem se enquadrar no padrão mínimo de metragem de imóveis, o que resultará na segunda fase de desadensamento, pois seguindo o padrão exigido para um terreno, existem várias moradias. Para essa etapa não indicaram para onde iriam as famílias, também não entraram em detalhes quanto ao percurso jurídico, uma vez que as terras pertencem a União.

O Técnico Antonio, ressaltou que é um grande projeto, denotando que é área é um dos vetores de expansão urbana da cidade, e conseqüentemente será valorizada. Na mesma área que serão construídos os condomínios de apartamentos, já está previsto áreas que futuramente serão o centro comercial e de serviços do Vetor Oeste, como supermercado, farmácia , duas instituições de ensino (creche e ensino básico infantil), posto de saúde, área de lazer e um terminal de ônibus, entre outros aparatos urbanos. E outro plano municipal que abarca áreas do bairro, é a construção de uma ciclovia, que pretende ligar os municípios de Itupeva, Jundiá e Vázea Paulista.

29/maio/2014 das 8 às 13h – Seminário Política e Sistema Nacional de Habitação e a Política Municipal de Habitação.

Local: Auditório do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo). Avenida Navarro de Andrade, s/nº, Vila Hortolândia.



Prefeitura de **Jundiaí**
Cuidar da cidade é cuidar das pessoas

FUMAS - Fundação
Municipal de Ação Social

PROGRAMAÇÃO:

Seminário

“Política e Sistema Nacional de Habitação e a Política Municipal de Habitação em Jundiaí”

Data: 29 de maio de 2014

Horário: 8h00 – 13h00

Local: Auditório do CIESP Jundiaí

Endereço: Avenida Navarro de Andrade s/n – Rua Projetada 8, Vila Hortolândia – Jundiaí – S.P.

8h00: RECEPÇÃO E CREDENCIAMENTO

8h45: ABERTURA – 1ª MESA

Coordenação CEPEDE – PUCSP: Profa. Dra. MARIANGELA BELFIORE WANDERLEY

- PEDRO BIGARDI – Prefeito de Jundiaí
- REINALDO IAPEQUINO – Subsecretário da Casa Paulista da Secretaria Estadual da Habitação
- HENRIQUE CARLOS PARRA PARRA – Superintendente Regional da CAIXA
- GERSON SARTORI – Presidente da Câmara Municipal de Jundiaí
- FERNANDO ÚNGARO – Presidente do Conselho Municipal de Habitação
- RODRIGO MENDES PEREIRA – Superintendente da FUMAS
- DANIELA DA CAMARA SUTTI – Secretária Municipal de Planejamento e Meio Ambiente
- MARILENA PERDIZ NEGRO – Secretária Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

10h00: 2ª MESA: Política Nacional de Habitação, Política Habitacional em Jundiaí, Sistema Municipal de Informações Habitacionais, Trabalho Social e o protagonismo dos Movimentos de Moradia.

Coordenação CEPEDE – PUCSP: Profa. Dra. RAQUEL RAICHELIS DEGENSAJN

- Profa. Dra. ROSANGELA D. O. da PAZ - PUCSP
- EVANIZA RODRIGUES – Representante da União dos Movimentos de Moradia
- RODRIGO MENDES PEREIRA – Superintendente da FUMAS

12h15 às 13h00: DEBATE

Coordenação CEPEDE – PUCSP: Profa. Dra. RAQUEL RAICHELIS DEGENSAJN

ENCERRAMENTO



Neste dia pode vivenciar um rico espaço formativo, no Seminário “Política e Sistema Nacional de Habitação e a Política Municipal de Habitação de Jundiaí”, realizado pela Fundação Municipal de Ação Social (FUMAS), resultado de uma parceria entre a Prefeitura de Jundiaí e a Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais (Cedepe), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A questão da habitação foi colocada por diferentes lentes e

agentes: representantes políticos e financeiros federais, estaduais e municipais, de movimentos sociais, profissionais e acadêmicos.

O debate permeou a problemática da moradia como uma das questões centrais o **acesso a terra**, retomando as heranças coloniais, desde as sesmarias à Lei de Terras (1850), quando se estabelece a propriedade privada da terra em meio às estratégias preliminares da abolição da escravatura. Sempre distribuída de forma desigual, como privilégios e acesso àqueles que já estavam estabelecidos economicamente.

Através do modelo de urbanização acelerado aprofunda-se a escassez de moradias, o acesso ao solo de forma legal é cada vez mais seletivo. Diante deste gargalo, na primeira metade do século XX, surgem programas nacionais de habitação. Estes, implementados no contexto ditatorial, não resolvem quase nada.

A complexidade da questão habitacional da classe trabalhadora é tamanha, que se reflete nas inúmeras mudanças de Ministérios a ser responsável pela elaboração e execução das políticas e programas habitacionais a nível nacional.

Na década de 1980 um grande passo é dado, num ambiente de redemocratização nacional, cria-se a Constituição de 1988, que estabelece a função social da terra, o direito à moradia entre outros. Junto à efervescência de movimentos sociais que pressionam por novas políticas de habitação, desta vez, descentralizada do poder federal, articulando todos os níveis de governo.

Até chegarmos à atualidade, onde se fortaleceu uma palavra de ordem, a **participação** da população nas ações públicas. E parafraseando com o debate das manifestações de julho de 2013 (fala de Evaniza Rodrigues), onde dizia: "Não é só R\$0,20!", aqui, "Não é só *uma casa*". O habitar, o morar, o viver, extrapolam a residência, devem estar juntos os equipamentos coletivos (saúde, educação, cultura, transporte etc.) e as infraestruturas necessárias ao direito à cidade.

E não pensemos que há uma receita a ser seguida, cada lugar tem sua realidade e necessidades específicas, que só a partir do diálogo entre a população e os técnicos responsáveis (que devem ser de equipes multidisciplinares) pelo planejamento e execução das políticas, programas e projetos habitacionais que se alcança algo favorável à população. Ressalto que este seminário se configura um excelente espaço formativo, o espaço participativo, no que tange os projetos de urbanização, ainda tem muito que avançar!

E para além das especificidades locais, há fatores de ordem global que também atuam na questão fundiária. A terra já não é mais vista somente com o seu valor de uso (como no campo para plantar, ou na cidade como base das edificações), a terra adquire o valor de troca, ou seja, torna-se uma mercadoria, que compramos, vendemos, alugamos, arrendamos e por vezes até trocamos. E como toda mercadoria, está sujeita a desvalorização e a valorização.

Assim, se num local antes ocupado por uma favela, sem infraestrutura alguma, e que passa por transformações espaciais de urbanização, regularização fundiária e chegada de equipamentos coletivos, o que efetivamente ocorre, é a valorização desta área. E, se nesse movimento o “bolso” de seus moradores não acompanharem tal valorização, e mesmo os custos que antes não haviam (conta de água, luz, prestações, condomínio etc.) tornará inviável sua permanência ali. Forçando-o a se alojar numa área mais desvalorizada, àquela de paisagem e condições de vida precárias.

Ou seja, o problema não foi resolvido, mas sim transferido de local. O avanço da questão habitacional requer ações muito além de bons projetos arquitetônicos e urbanísticos participativos, de assistência social atuante, e da presença dos bens coletivos. Em conjunto às políticas de habitação outros fatores devem ser regulamentados pelo poder público, como o preço da terra, para que esta possa cumprir sua função social, e a distribuição de renda mais igualitária. Esta última, não se limitando às migalhas de auxílios e bolsas (reconhecendo a importância destes, aos que estão no menor nível de pobreza), mas que no salário, em seu valor líquido, esteja embutido os gastos da aquisição da moradia, que é um bem primordial a reprodução social. Para tal, é necessária a revisão da abusiva cobrança de impostos do lado do governo (o qual não temos o retorno devido, onde recorrentemente assistimos escândalos de corrupção), e por outro lado, o empresário que se apropria de forma desigual, se não da maior parte, dos lucros advindos da força dos trabalhadores.

Estas últimas reivindicações podem parecer um tanto quanto difíceis (ou impossíveis no sistema atual) de serem alcançadas, mas é assim que caminha a sociedade, com sujeitos que questionam e não se acomodam com o que está posto como ordem hegemônica e verdade absoluta. Já tivemos homens queimados por defender a teoria de que o sol está no centro de nosso sistema. Assistimos homens morrer por lutar pela preservação de florestas. Houve homens

torturados por expressarem seus pensamentos. Estamos vivenciando a luta pelo direito à cidade.

04/junho/2014 às 14h – Mutirão para organização do Arraiá Nordestino, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas

Para a realização do 2º Arraiá Nordestino, foram distribuídas várias funções aos envolvidos na organização do evento. O Centro Comunitário da Cáritas, dentre outras funções, ficou responsável pelas bandeirinhas, que farão parte da decoração do ambiente onde será a festa.

O mutirão reuniu, além dos funcionários e assistidos da Cáritas, jovens da comunidade e participantes de outras entidades dos bairros Varjão, Almerinda e Residencial Jundiáí.

Foi um momento agradável, tanto de trabalho como de integração social. Onde todos faziam parte de todos os momentos da produção das bandeirinhas, desde o cortar do TNT (material das bandeirinhas) até o pregar nas fitas.

Após o término das centenas de metros de bandeirinhas, Karla a Assistente Social da Cáritas, me chamou para acompanhá-la na entrega de ofícios aos comerciantes locais, solicitando contribuição financeira para a realização da brincadeira Pau de Sebo, tanto para arcar com a compra da madeira como para o prêmio dado ao vencedor da brincadeira, em dinheiro. E a contrapartida seria a divulgação no evento dos comércios que contribuíram. E também colamos cartazes por onde passamos, mas na maioria dos comércios já havia o cartaz de divulgação do Arraiá.

Em cerca de uma hora passamos em dez comércios (nos bairros Residencial Jundiáí e Almerinda), e apenas dois deles não contribuíram. As contribuições foram significativas, já cobriam o valor da madeira e parte da prenda. Pelo horário avançado o comércio fechou, assim Karla ficou de continuar com a entrega de ofícios no dia seguinte.

A noite estava muito fria, nesse sentido, Karla se manifestou gentilmente para me deixar no Terminal de ônibus Eloy Chaves, o que adiantou significativamente o horário de chegar em minha casa.



06, 07 e 08/junho/2014 - 2º Arraiá Nordestino
Endereço: Av. Eunice Cavalcanti, próx. ao nº1639, Residencial Jundiá I

Figura . Local do 2º Arraiá Nordestino



Agradecemos a toda equipe do Coletivo pela realização, á associação de moradores do Novo Horizonte, a UBS, Todas comunidades católicas, ao CEDECA, aos grêmios escolares Almerinda e Residencial, Secretária de Saúde, Cultura e Serviços Públicos de Jundiaí e a toda comunidade que participou do evento e curtiu com muita responsabilidade e animo
 \o/ Com certeza o ano que vem tem mais
 (mensagem enviado por um membro da organização do Arraiá Nordeste, 2014)

Ao término da festa, Seu Zé Bessa reforçou o convite ao evento que será realizado na EMEB Beatriz Pupo, Cine comunidade. A concretização do evento ocorreu devido à parceria da Associação dos Moradores do Novo Horizonte com a Associação Cultural Simbora - Projeto Cine Comunidade, a qual foi contactada pelo vereador Paulo Maberba.

15/junho/2014 às 19h – EMEB Beatriz Blattner Pupo, Cine Comunidade

CINEMA BRASILEIRO NA COMUNIDADE



JUNDIAÍ

BAIRRO NOVO HORIZONTE

ENTRADA GRATUITA

15-6 às 19H



SANEAMENTO
BASICO,
O FILME

roteiro e direção
de Sérgio Furtado

CLASSIFICAÇÃO: 12 ANOS

LOCAL: EMEB Beatriz Blattner Pupo

ENDEREÇO: Av. Carmine Todaro, 2900 (Estrada do Varjão)
Bairro Novo Horizonte – Jundiaí

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo ao Campo de Futebol

CONVITES RETIRADA COM: Secretaria da Escola

INFORMAÇÕES: David, Profa. Carolina e Profa. Silvana (4582-8801)

- CAPACIDADE NO ESPAÇO PARA 200 PESSOAS
- RETIRADA DE CONVITES ANTECIPADAMENTE
- CRIANÇAS SEMPRE ACOMPANHADAS DOS PAIS

WWW.CINCOMUNIDADE.COM.BR

facebook /CINCOMUNIDADE

REALIZAÇÃO  SIMBORA

APOIO  GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria de Cultura

Projeto realizado com o apoio
do Governo do Estado de São
Paulo, Secretaria de Cultura

26/junho/2014 às 9h – Reunião da Rede Socioassistencial Jardim Novo Horizonte, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas

Rodada de apresentação

Informes:

CRAS – Semana do bebê 4 a 8 de agosto (palestras)

Associação dos Moradores do Novo Horizonte – Sr. José Bessa fez a solicitação de inserir na pauta a urgência da participação da Fumas apresentando o projeto de Urbanização, alegou que o projeto já está pronto e não houve a participação da população, que por isso há uma revolta e insegurança geral dos moradores do Novo Horizonte.

Zoonoze- Informou que não vai ter a campanha da raiva em agosto/ setembro como de costume, pois não tem a vacina. É um problema do estado, que será divulgado na mídia. Deve ser transferida para o final de outubro e novembro.

CREN- Vão realizar bazar, no sábado de manhã - no Varjão III.

Romildo- Alerta da violência. Colocou em destaque os ônibus que foram queimados no dia 25/06 no Varjão III, como ação de revolta devido a morte de um jovem de 13 depois de uma abordagem policial.

Casa da Fonte- está recebendo por e-mail os materiais (fotos e informações) para a elaboração do vídeo das atividades e ações que acontecem nos bairros: Novo Horizonte, Almerinda, Residencial e CDHU.

Natália – Solicitação de consulta e cópia de Memórias descritas em Ata e Ofícios da Rede Socioassistencial, quanto ao encaminhamento, primeiro da identificação do problema, seguido de contatos com o poder público referente ao EJA e a Saúde (descentralizações). Com a finalidade de compor material de pesquisa para a elaboração do TCC, intitulado “Da resistência sobre os trilhos à luta pela urbanização: o “Novo Horizonte” do Varjão”.

Pauta:**PSF – Representantes do Poder Público, da área da saúde (Carmem e Atau)**

O espaço previsto para sediar o PSF (que está junto com a UBS) era o Conjunto I, mas este está em situação estrutural comprometida. E como proposta alternativa, devido a urgência do caso, foi colocado a possibilidade de encaminhar o PSF para o Conjunto H. Onde acontece atividades de cooperativa de costura; sede da associação dos moradores do Novo Horizonte; grupo do CRAS com a saúde – os quais já manifestaram a possibilidade de remanejamento das atividades. E há também a utilização para o projeto Brasil Alfabetizado e distribuição de sopa (atividades da Fumas).

O conjunto H é de responsabilidade da Fumas. Assim, os responsáveis da saúde presente, informaram que marcaram reunião com a FUMAS para que disponibilizem o local, até que o Conjunto I seja reformado ou reconstruído, pois se encontra com estrutura física comprometida. A reunião será amanhã, dia 27/06.

Zé Bessa, já apresentou outra alternativa, caso a FUMAS não seda o Conjunto H, para a locação de algum imóvel no bairro.

Fundação Antonio Antonieta Cintra Gondinho –

- Agradecimento pela participação no evento da fundação
- O Desfile de 7 de setembro do Novo Horizonte, aprovado na Câmara, passa a fazer parte do calendário municipal de eventos.
- Pensar o tema do desfile deste ano

Rosângela propôs o tema Paz – pensar em um local específico, paz na escola, paz na família, ...

Ruth colocou que vai tentar uma fanfarra para o pessoal da saúde/UBS.

Violência sexual - Roberta

Apresentação do Programa de vigilância às violências e acidentes, em específico a violência sexual, período de 2011 a 2013

74% meninas (10 a 14 anos 41%)

26% meninos (5 a 9 anos 56%)

O abuso é toque, carícia...que o adulto faz sobre a criança, não apenas a penetração

Na maioria dos casos o agressor é conhecido da família, e 60% acontecem na própria residência.

O número maior de notificação do município é da UBS Novo Horizonte

Até 13 anos e 11 meses, se aparecer na unidade de saúde grávida, é considerado violência, mesmo que tenha sido uma relação consentida.

A representante, solicita para que junto com a rede e comunidade, criar atividades, projetos, ações para reverter esse quadro. Junto às escolas, com os pais, fazer orientações, conscientização.

Cristina colocou a experiências do concurso de redações das escolas que tratou do tema da promiscuidade na adolescência.

Romildo fez depoimento pessoal

Chegam a conclusão que se deve atuar coma família, pois está naturalizado dentro de casa, os relacionamento precoce.

Sueli coloca a necessidade de sintonizar ações em conjunto, todas as entidades da rede, quanto ao assunto.

Vice Diretora da escola do Residencial, falou que a escola da família é um espaço, mas precisa de respaldo, os estagiários que fazem as oficinas não tem formação para isso, seria necessário psicólogo, assistente social.

A necessidade de **política pública** em conjunto, pois as entidades já estão no seu limite, ou mesmo já se desdobram com os profissionais disponíveis.

O CRAS não dá conta, aqui tem 40 mil famílias, um CRAS completo é previsto para 5 mil famílias.

Proposta de Pauta para próxima reunião (31/07/2014)

-Participação da FUMAS quanto a esclarecimento do projeto de urbanização, apenas para os membros da Rede, para dar respaldo aos profissionais das entidades quando são questionados pela população, a qual se encontra angustiada pela falta de informação e muitas especulações. (Rosangela vai ligar e fazer o pedido da presença da FUMAS)

- Aprofundar o tema do desfile de 7 de setembro

- Retorno da Secretaria de Saúde da reunião com a FUMAS

- Atividade para crianças e adolescentes (2º Tema colocado na lista de prioridades elaborado na primeira reunião do ano) em conjunto ao debate de Violência Sexual (Definir se será debatido em GT ou na Rede)

Após o término da reunião Rosângela, Karla e Nilma, (respectivamente coordenadora e funcionárias da Cáritas – sede das reuniões da Rede) Disponibilizaram a Ata e pasta de Ofícios para a consulta e cópia do material que continha o histórico de debate, ações e encaminhamentos ao poder publico referente ao EJA e PSF-saúde.

(Obs. Enquanto consultava a Ata, Nilma e Edleuza me convidaram para almoçar junto com elas, ali mesmo no centro comunitário, um momento de generosa partilha)

Consulta ao livro Ata – comentários/impressões e as datas

- Primeira reunião 08.02.07

Alguns dos temas abordados:

-Saúde

-Educação- superlotação das escolas, transpote, demanda de EJA

-Nome de rua/avenida

-Lazer

-Dengue

-Queimada

-Atividades/festas/... realizadas por cada entidade do local

-Zoonoses-vacinas animais

-Mapeamento-locais de risco (terreno abandonado, iluminação)

Como orientados por Karla, após a consulta da Ata e identificação das datas das reuniões que tiveram na pauta EJA e Saúde, encaminhar para Rosangela, pois está no computador dela as memórias digitadas.

(12 março 2009; 02 julho 09; 10 dezembro 09; 18 março 2010; 25 fevereiro 2010; 22 abril de 2010; 20 maio 2010 – as aulas iniciaram 12 agosto 2010; Vária memórias trazem na pauta o EJA, para a divulgação de mtrículas de 5 a 8 serie, e que retorne a afabetização

de 1 a 4 serie, na EMEB Cleo Nogueira; 2011 problemas do transito; 04 agosto 2011; 27 outubro 2011; Resumo do ano; 24 maio 2012 desmotivação aluno/professor; 07fevereiro2013 - urbanização

Houve movimento também para EJA ensino médio, mas não foi concretizado, pela alegação da secretaria de educação, que a demanda não era suficiente.

Em inúmeras reuniões representantes do poder publico, até mesmo o prefeito participou de algumas.

**07/julho/ 2014 , manhã - Apresentação da Monografia
Universidade Federal de Viçosa, MG**

31/julho/2014 às 9h – Reunião da Rede Socioassistencial Jardim Novo Horizonte, Centro Comunitário São Francisco de Assis – Cáritas

Pauta prevista:

- FUMAS - esclarecimento do projeto de urbanização
- Tema do desfile de 7 de setembro
- PSF
- Atividades/debates de Violência Sexual para crianças e adolescentes